

**ANTROPOLOGIA NO CURRÍCULO DE SOCIOLOGIA DO ENSINO MÉDIO:
CONCLUSÕES A PARTIR DA INICIAÇÃO À DOCÊNCIA**

Guilherme Nascimento Prates
Marcelo da Silva Araujo*

RESUMO: Este artigo parte de um relatório de pesquisa em Iniciação à Docência, transcorrida entre outubro e dezembro de 2020. Realizada no âmbito da Licenciatura em Ciências Sociais do Colégio Pedro II, a pesquisa “Antropologia no currículo de Sociologia do Ensino Médio: reflexões e possibilidades” contou com um bolsista e utilizou-se de variados instrumentos de pesquisa sob o formato online, buscando alcançando a contribuição de docentes da rede estadual de Educação do Rio de Janeiro. Investigando o fazer destes atores, a pesquisa inscreveu-se na fronteira entre formação de professores e currículo (pendendo mais para este último) e intenta, neste artigo, além de elaborar uma Introdução, apresentar e descrever as metodologias utilizadas (a saber, GoogleForms, grupo focal e entrevista individual) e, por fim, indicar algumas conclusões. Estas conclusões apontaram que há um déficit da aplicação de conteúdos antropológicos no documento prescritivo Currículo Mínimo (que referencia os planos bimestrais a serem aplicados na interação com os estudantes). Inversamente, vimos que as temáticas propriamente antropológicas têm lugar cativo nos planos de aula docentes, o que faz com que haja uma curiosa, porém, compreensível, assintonia entre estas realidades. Compreendemos, em razão da extensão e profundidade da pesquisa, que tais conclusões são muito mais exploratórias e indicativas que definitivas. Deste modo, desejamos que este texto contribua, acima de tudo, para iluminar um cenário e propor, a partir disso, reflexões e debates.

Palavras-chave: Iniciação à Docência; Antropologia no currículo de Sociologia Escolar; Formação de Professores; Métodos e metodologias na docência.

40

ABSTRACT: This article is part of a research report on Teaching Initiation, held between october and december 2020. Carried out within the scope of the Degree in Social Sciences at Colégio Pedro II, a survey “Anthropology in the curriculum of High School Sociology: reflections and possibilities” had a scholarship holder and used various research instruments in the online format, seeking to reach the contribution of teachers from the state education network in Rio de Janeiro. Investigating the actions of these actors, the research is on the border between teacher education and curriculum (leaning more towards the latter) and intends, in this article, in addition to preparing an introduction, presenting and defining the methodologies used (namely, GoogleForms, group focal point and individual interview) and, finally, indicate some of the tools. These rescues pointed out that there is a deficit in the application of anthropological content in the prescriptive document Currículo Mínimo (which references the bimonthly plans to communication in interaction with students). Conversely, we have seen that properly anthropological themes have a captive place in teachers' lesson plans, which makes for a curious, but understandable, asympty between these realities. We understand, due to the extent of in-depth research, that such properties are much more exploratory and indicative than

* Respectivamente, graduando em Licenciatura em Ciências Sociais do Colégio Pedro II e doutor em Antropologia/UFF. Ex-professor do Colégio Pedro II, atualmente professor do Instituto Federal da Paraíba.
Revista *Perspectiva Sociológica*, n.º 28, 2º sem. 2021, p. 40-56 ISSN: 1983-0076

definitive. In this way, we hope that this text will contribute, above all, to illuminate a scenario and propose, based on that, reflections and debates.

Keywords: Teaching initiation; Anthropology in the School Sociology curriculum; Teacher training; Methods and methodology in teaching.

Introdução

O Currículo Mínimo de Sociologia da rede estadual de educação - doravante CM e SEEDUC, respectivamente -, em sua versão 2012, é um documento normativo cujo intento é estabelecer “orientações institucionais aos profissionais do ensino sobre as competências mínimas que os alunos devem desenvolver a cada ano de escolaridade”. Informado isso, apresentaremos, neste texto, os resultados de uma pesquisa cujo objetivo foi o de aferir a incidência dos conteúdos da Antropologia no referido CM. Na pesquisa, este objetivo é perseguido através de dois elementos estruturantes: a observação de possíveis efeitos positivos na implementação do CM e a verificação, a partir do fator anterior, da importância dos conteúdos antropológicos na Educação Básica.

Desejamos esmiuçar, nos limites aqui impostos, quais os conteúdos, as ferramentas analíticas e as metodologias de que os professores de Sociologia da rede estadual, graduados em Ciências Sociais, nossos interlocutores, se utilizam.¹ Quanto à metodologia, nossa produção, coleta e tratamento de dados foi variada, como explicaremos no desenvolvimento do texto, e contou com quatro fases, entre quantitativa e qualitativas. A hipótese que animou estas fases, a qual foi confirmada nos resultados obtidos, é de que há um déficit da aplicação de conteúdos antropológicos, tanto no CM, como documento prescritivo, quanto nos planos bimestrais efetivamente aplicados na interação com os estudantes. Inversamente, acreditamos que as temáticas propriamente antropológicas têm lugar cativo nos planos de aula, o que faz com que haja uma curiosa, porém, compreensível, assintonia entre estas realidades.

Com o entendimento de que precisamos abordar o objeto a que nos propomos a partir de etapas, este texto organiza-se em cinco partes. Estas foram, pode-se dizer, confeccionadas em níveis de complexidade crescente, uma vez que entre a fase quantitativa (a terceira) e as demais, qualitativas, a pesquisa nos impôs, como esperamos demonstrar, refinamentos,

¹ Enfatizamos que deviam ser “graduados em Ciências Sociais” em razão de se encontrarem, na composição da força de trabalho da rede estadual de educação para a disciplina Sociologia, profissionais graduados em História, Geografia, Filosofia e até outros.

metodológicos e conceituais, e articulações (em relação aos interlocutores) que remoldaram a sua trajetória.

Na primeira, descrevemos e depuramos os temas nominais que tradicionalmente tangenciam a Antropologia. Nesta fase, nós mesmos, pesquisadores, decantamos o CM em busca dos referidos descritivos; na fase seguinte, selecionamos nossas interlocutoras e interlocutores.

Esse conjunto de professoras e de professores foi estabelecido a partir de uma filtragem. Nesta, o critério de recrutamento original era estarem lotadas e lotados em colégios estaduais próximos ao *campus* Realengo. Esse critério não logrou o êxito desejado, obrigando os pesquisadores a lançaram mão de outro; na terceira, organizado o contingente de docentes a serem entrevistadas e entrevistados, resolvemos aplicar um questionário online, a fim de realizarmos aproximações e distanciamentos quanto às informações. Através das tabulações de dados que cada profissional nos forneceria pudemos passar à quarta etapa.

Nesta quarta etapa, foi possível conferir um novo contorno ao plantel por intermédio da realização de um grupo focal. Por fim, na quinta e última etapa, procedemos, após a análise dos resultados do grupo focal, a uma entrevista individualizada. Esta, feita com uma interlocutora específica, explica-se pelo fato de se satisfazer itens que dialogavam diretamente com a pesquisa (notadamente, o interesse e a instrumentalização reconhecida e evidente com temas, metodologias e ferramentas antropológicas na lida pedagógica com turmas de ensino médio). Após isso, cotejamos os dados acumulados até então com os debates que julgamos apropriados e a bibliografia disponível. Assim, confeccionamos as conclusões ora expostas.

Nos próximos blocos, detalharemos as etapas e discussões enunciadas acima.

1. Temas e conteúdos do Currículo Mínimo: estabelecendo descritivos e direções de investigação

Na primeira fase da pesquisa, após estabelecermos o desenho geral da investigação, avaliamos e escolhemos referências bibliográficas para leituras de textos relacionados à Antropologia e à aplicação da mesma no Ensino Básico. Além disso, investigamos documentos regulamentares que balizam o ensino da SEEDUC, em especial o CM. Deste documento,

filtramos os temas mais propriamente associados com os conteúdos e metodologias antropológicas², de forma que chegamos à configuração abaixo:

Série: 1^a

2º bimestre: *Cultura e diversidade*

Habilidades e Competências: - Identificar o ser humano como ser histórico e cultural; - Perceber os processos sociais de distinção entre natureza e cultura; - Desnaturalizar as visões de mundo através da observação de diferentes culturas e formas de construção da identidade coletiva; - Compreender a diversidade cultural e identificar comportamentos e ideias relativistas ou etnocêntricas sobre as culturas.

Conceitos-chave: Cultura; natureza; diversidade; relativismo cultural; etnocentrismo; alteridade.

Temas norteadores: - Conceito de cultura/ natureza e cultura; - Cultura e diversidade; - Etnocentrismo e relativismo; - Construção da alteridade.

Série: 2^a

1º bimestre: *Cultura e Identidade*

Habilidades e Competências: - Estabelecer a relação entre a construção da identidade individual e o pertencimento aos diferentes grupos e instituições sociais (religiosos, territoriais, étnicos, de parentesco etc.); - Identificar os marcadores sociais da diferença (gênero, sexualidade/orientação sexual, raça/etnia, geração) na contemporaneidade e perceber sua interrelação na produção e reprodução das desigualdades; - Compreender o processo de construção da identidade e da cultura nacionais e suas implicações nas relações etnicorraciais e nas identidades regionais no Brasil, incorporando as principais contribuições da teoria social brasileira neste debate.

Conceitos-chave: Identidade social; diversidade cultural; grupos sociais; papel social; gênero; sexualidade; orientação sexual; raça/etnia; geração; identidade nacional; nacionalismo; regionalismo.

² Os critérios para esta seleção foram construídos, a pedido do orientador da pesquisa, pelo bolsista. Este se utilizou dos temas a que foi exposto, quando era estudante de Ensino Médio. Essa passagem faz supor que, de um modo geral, os docentes sinalizam aos estudantes, em sala de aula, essa separação temática. Optamos, pois, por questão de fluidez do texto, omitir desta seleção os “temas norteadores”, exatamente por serem estes aquilo que desejávamos descobrir juntos aos docentes pesquisados.

2º bimestre: *Preconceito e Discriminação*

Habilidades e Competências: - Refletir sobre os processos de estigmatização e rotulação de determinados grupos e sujeitos sociais; - Identificar as diferentes formas de preconceito, discriminação e intolerância (raça, religião, gênero, geração, classe, sexualidade, nacionalidade, etc.) e compreender suas múltiplas interrelações e sobredeterminações.; - Identificar os principais debates que marcam a produção sociológica sobre preconceito e discriminação etnicorraciais no Brasil; - Perceber o caráter multicultural da sociedade brasileira e localizar, neste diagnóstico, a emergência das políticas de ação afirmativa como formas de discriminação positiva.

Conceitos-chave: Estereótipo; estigma; processos de rotulação; discriminação; preconceito; preconceito de marca e preconceito de origem; democracia racial; racismo; sexismo; xenofobia; homofobia; intolerância religiosa; multiculturalismo; ação afirmativa; políticas públicas, discriminação positiva.

3ª série

1º bimestre: *Cultura, Poder e Consumo*

Habilidades e Competências: - Refletir sobre a noção de cultura como instrumento de poder e como construção social; - Identificar as relações entre produções culturais populares e eruditas, relacionando-as aos seus grupos sociais de origem; - Compreender o atual processo de patrimonialização das manifestações culturais populares e eruditas, bem como identificar o reconhecimento e o tombamento do patrimônio material e imaterial como instrumentos de preservação cultural; - Construir uma visão crítica da indústria cultural, reconhecendo as diversas ideologias que a atravessam, bem como sua apropriação das produções culturais populares e eruditas e sua transformação em cultura de massa; - Refletir sobre a influência dos meios de comunicação de massa no consumo, nos estilos de vida e construção da identidade; - Conhecer as diferentes formas de manifestação de contracultura e seus questionamentos dos valores culturais e ideológicos dominantes.

Conceitos-chave: Ideologia; cultura popular; cultura erudita; cultura de massa; patrimônio cultural; patrimônio material e patrimônio imaterial; indústria cultural; meios de comunicação de massa; diversidade cultural; sociedade de consumo; consumismo; alienação; contracultura.

Mapeadas as passagens do CM identificados como sendo de Antropologia, cabia agora, então, iniciar a arquitetura da escolha das nossas interlocutoras e dos nossos interlocutores. Foi o que fizemos.

2. Iniciando a coleta: interlocutores e geração de índices quantitativos e qualitativos

Feito este mapeamento, passamos à elaboração, na fase seguinte, da lista dos entrevistados. Resolvemos nos utilizar do GoogleForm, o qual se configura como possibilidade de uma abordagem semidiretiva. Assim, elaboramos perguntas relacionadas a questões pessoais, acadêmicas, profissionais e de regência docente.

Como dissemos na Introdução, tínhamos, como definição prévia, a intenção de trabalhar com profissionais lotadas e lotados em colégios estaduais próximos ao *campus* Realengo. O motivo era a praticidade, para quando se realizasse o trabalho de campo previsto, de estes serem próximos ao local de aulas da licenciatura. Entretanto, a pandemia frustrou todos os planos.

Assim, optamos, por outro lado, por pluralizar o cenário, uma vez que tensionávamos, como afirmam Bodart e Silva (2016, p.168), “apresentar elementos que venham a colaborar na busca pela compreensão do perfil do professor de Sociologia de Ensino Médio, assim como identificar elementos que evidenciem suas condições de prática docente”, bem como “as dificuldades no uso de recursos didáticos e a desvalorização da disciplina” na estrutura da rede estadual de ensino. Como as interações se dariam pela via remota³, este quadro teria a aproximação e captação facilitada, imaginávamos, preservando as particularidades de diversos contextos escolares.

Resolvemos, deste modo, acessar professores que atuassem em municípios distintos da Região Metropolitana, valendo-nos de contatos pessoais com docentes de nossa rede de relações e das indicações destes. O fato comum que os ligava era o uso, como recurso didático oficial, do livro Sociologia em Movimento, disponível no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), edição de 2018.

³ Vale dizer que a utilização de recursos plataformizados já existia há bastante tempo, mas teve uma ampla aceleração de seu acionamento no contexto de isolamento social. Dentre as considerações, está o uso de dispositivos tecnológicos para a produção de etnografias híbridas, que possam se apropriar dos ambientes digitais para superar conflitos no percurso da pesquisa.

Inicialmente, contactamos cinco professores (uma professora e quatro professores). Originalmente, estes eram colegas de graduação do orientador da pesquisa, ex-orientandos em algum programa de formação⁴ ou indicados por estes. Os indicados pelos professores, que foram outros quatro docentes, completaram o quadro, estabelecendo a seguinte distribuição de atuação profissional: Rio de Janeiro (um professor e uma professora), Niterói (uma professora), Itaboraí (um professor), Maricá (um professor), São Gonçalo (dois professores), Cachoeiras de Macacu (um professor) e Belford Roxo (um professor).

Os formulários exploratórios (ANEXO I) respondidos apontaram, em seu conjunto, e após tabulados, elementos que passamos a apresentar resumidamente abaixo:

Cor ou Raça	Tem Bacharelado	Tem licenciatura	Outra graduação	Curso de Aperfeiçoamento	Curso de Extensão	Especialização	Mestrado	Doutorado	Atua em mais de um colégio/escola na SEEDUC	Atua na rede privada com Sociologia	Conhece o currículo mínimo de sociologia da SEEDUC	Quais temas e debates se identifica mais
Parda	Não	Sim	Sim	Não tem	Concluído	Não tem	Não tem	Não tem	Sim	Não	Sim	Antropologia
Parda	Sim	Sim	Não	Concluído	Concluído	Concluído	Não tem	Não tem	Não	Não	Sim	Antropologia
Preta	Sim	Sim	Não	Não tem	Não tem	Concluído	Não tem	Não tem	Sim	Não	Sim	Antropologia
Branco	Sim	Sim	Não	Não tem	em andamento	Concluído	Não tem	Não tem	Sim	Não	Sim	Ciência Política e Sociologia
Parda	Sim	Sim	Não	Não tem	Não tem	Concluído	Não tem	Não tem	Sim	Não	Sim	Antropologia
Branco	Sim	Sim	Não	Não tem	Não tem	Não tem	Não tem	Não tem	Sim	Não	Sim	Antropologia
Parda	Não	Sim	Não	Não tem	Não tem	Não tem	Não tem	Não tem	Sim	Não	Sim	Sociologia
Branco	Não	Sim	Sim	Concluído	Não tem	Concluído	Não tem	Não tem	Sim	Não	Sim	Ciência Política
Branco	Não	Sim	Não	Não tem	Não tem	Concluído	Concluído	Não tem	Sim	Não	Sim	Sociologia

Tabela 1: distribuição das professoras e dos professores participantes da pesquisa



Tabela 2: autodeclaração etnicorracial

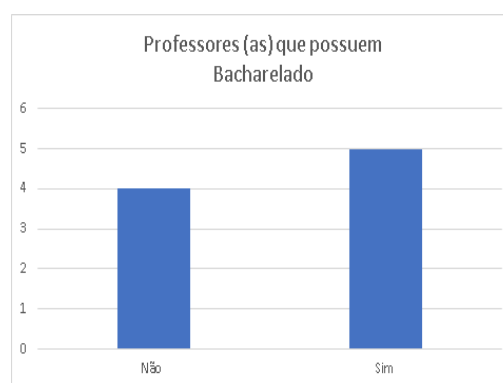


Tabela 3: formação acadêmica – Bacharelado

⁴ Dentre tais programas de formação, a Especialização em Ciências Sociais e Educação Básica (ECSEB), do Departamento de Sociologia do Colégio Pedro II, onde o orientador atuara como professor e coordenador; no estágio curricular supervisionado, vinculado à disciplina Prática de Ensino, da Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal Fluminense, em consequência da parceria institucional entre esta Universidade e o Campus Niterói do Colégio Pedro II. Por fim, no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), também da Universidade Federal Fluminense, onde o orientador atuou.

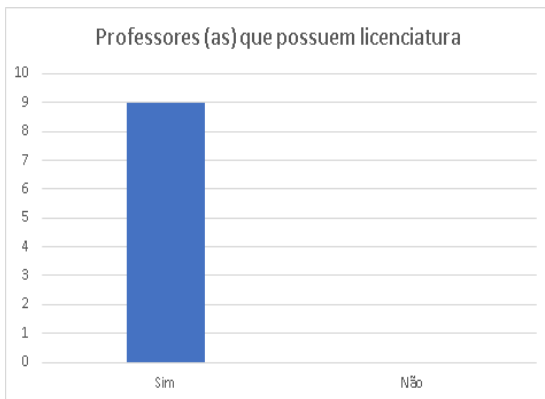


Tabela 4: formação acadêmica – Licenciatura

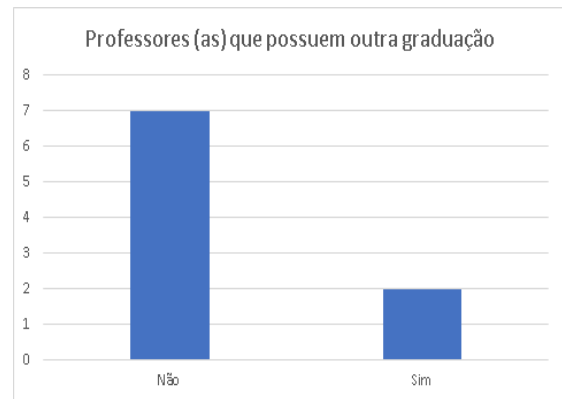


Tabela 5: formação acadêmica – Graduação complementar

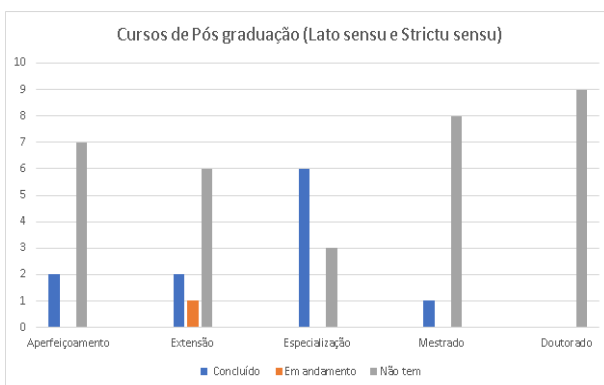


Tabela 6: formação acadêmica – Pós-graduação

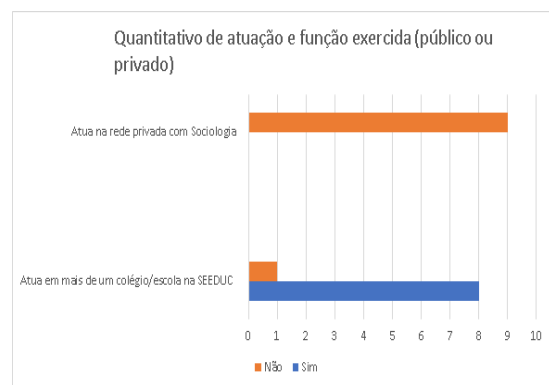


Tabela 7: atuação profissional – Redes educacionais

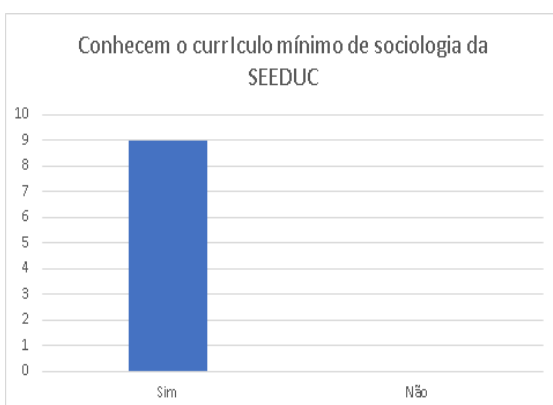


Tabela 8: conhecimento das normativas educacionais

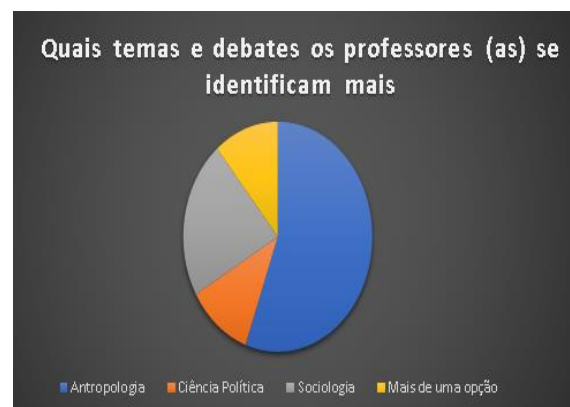


Gráfico 1: temas e debates comuns por área

De posse deste delineamento, pudemos averiguar as condições acadêmicas e profissionais de nossos interlocutores. Assim, tornou-se viável perceber, e cruzar, dados importantes, como a utilização do livro *Sociologia em Movimento*, a atuação profissional exclusiva na rede estadual de educação, o desenvolvimento da formação profissional

complementar (pós-graduação lato ou stricto sensu) e se nossos interlocutores identificam a existência de elementos antropológicos nos mesmos momentos dos programas das séries, a saber 2º e 4º bimestres da 1ª série e 1º bimestre da 3ª série. Após esta “peneira” analítica, passamos à fase seguinte.

3. Rumo a um delineamento dialógico: grupo focal como estratégia de produção de sentidos pedagógicos

Da interpretação dos dados, caminhamos para uma definição dos depoentes cujas respostas apontavam para uma lida mais sistemática com os conteúdos e metodologias antropológicas na Sociologia escolar. Com base nisso, passamos à quarta fase: grupo focal como estratégia de produção de informações individuais e desdirecionadas.

Neste ponto, nos abrigamos nos escritos de Luciana Kind (2004, p.124) e Dias (sem data), especialistas neste dispositivo de pesquisa. Para a primeira, o grupo focal “é essencialmente uma técnica de coleta de dados”, empregado em pesquisas desde os anos 1950. Já para Dias (p. 1), tal ferramenta começou a despertar, a partir dos anos 1980, o interesse dos pesquisadores em outras áreas do conhecimento, como as Ciências Sociais, entre outras.

Para o grupo focal, selecionamos duas professoras e um professor. Percebemos haver, nestes interlocutores, três critérios fundamentais, a saber: utilizam-se do manual didático “Sociologia em Movimento”; trabalham com esta disciplina apenas na SEEDUC e identificam elementos idênticos, nas mesmas etapas do CM, concernentes à Antropologia. Por fim, observamos que estes professores possuem maior tempo lecionando na rede estadual.

Dito isto, criamos um conjunto de perguntas (Anexo 2) que se amoldava ao perfil dos participantes, buscando operar, entre estes, uma convergência para as finalidades da pesquisa acadêmica. Tais perguntas visaram realizar uma pequena varredura da atuação docente dos selecionados, além de inserir centralmente o livro do PNLD como peça fundamental da transposição didática e da construção metodológica. Atravessando todo o diálogo estruturado com os docentes, a Antropologia figurava como, ao mesmo tempo, mola propulsora do encontro e eixo norteador teórico e conceitual da produção de sentidos da pesquisa nesta fase.

4. Uma peneira antropológica? História acadêmica como motor de escolhas e de produção de conhecimento

Partindo para a última das cinco fases, apercebemo-nos de que uma das professoras participantes dominava, de forma mais refinada e apropriada para os fins da pesquisa, os debates e a aplicação dos estudos antropológicos no Ensino Médio. Assim, resolvemos propor uma entrevista individual.

Neste ponto, em vez de confeccionarmos perguntas novas, de forma a aprofundar uma contribuição intensiva da professora, optamos por retirar passagens da transcrição de falas dela no grupo focal. Desta maneira, além de garantir a contextualização e a integridade material dos diálogos de então, ressignificamos tais passagens, propondo-as à professora em formato de pergunta. A ideia era que ela densificasse ainda mais suas respostas, aclarando elementos fundamentais de sua exposição para compreender o trabalho da Antropologia no currículo de Sociologia no Ensino Médio. Da mesma forma que fizemos com as perguntas que compuseram a estratégia do grupo focal.

Este texto, como esperamos ter demonstrado, apresentou percepções coletivas (via formulários do Google, como ferramenta quantitativa, e grupo focal) e subjetivas (entrevista individual) sobre o fazer docente em relação a determinado conteúdo – o dos temas antropológicos – constante do currículo de Sociologia no Ensino Médio. Deste modo, as perguntas e as totalizações permitidas pelas respostas àquelas desenham um quadro experimental do papel, das temáticas e da importância da Antropologia na formação das gerações mais jovens. As reflexões que extraímos, abaixo comentadas, são indicativas dos limites e das possibilidades daquela área do saber. Cabe-nos, pois, aprofundar tais pesquisas e reflexões, a fim de traçar adicionais horizontes e interpretações.

Considerações finais

Como dissemos algumas vezes ao longo do texto, a pesquisa que o anima se desenrolou no contexto da pandemia da Covid-19. Como alguns autores já mencionaram (FARIA, 2020; FIORI, 2020; MILLER, 2020), o contexto de isolamento social na pandemia, a despeito das mudanças paradigmáticas na concepção do trabalho de campo, permitiu suscitar questionamentos ao desenvolvimento do fazer antropológico, transformando planos, espaços e temporalidades de pesquisa, bem como trazendo desafios institucionais e pessoais às(aos) pesquisadoras(es). Afinal, em muitos casos (não em nosso, pelo recorte que adotamos), as demandas dos próprios sujeitos com quem fazemos pesquisa são fonte de ação para

antropólogos(os) nesse contexto, assim como os muitos fóruns de debate estabelecidos ou atraídos para a questão da pandemia. A possibilidade de uma produção dialógica com atores sociais que permanecem engajados no nosso campo, a educação, possibilitou estabelecer colaborações profícuas. O fato, como nos ensina Faria (*op.cit.*, p. 2) é que “nós aprendemos fazendo pesquisa: adaptabilidade, transparência, pensamento metodológico e empatia são fundamentais para o pesquisador conseguir responder às demandas que podem surgir ao longo do caminho”. O resultado é a oferta de olhares situados desde os campos prévios de pesquisa.

Fizemos duas videoconferências: uma para o grupo focal e uma para a entrevista individual. Nestas, notamos que os participantes se sentiam confortáveis o suficiente para tocar em tópicos mais sensíveis de sua experiência. Sentiram-se, pois, mais abertas a compartilhar informações da esfera da intimidade porque se sentiam dentro de “seu elemento” (acionamento pelas filhas e filhos, pela/o cônjuge, contato com animais domésticos etc.). A ausência da presença física, nesse caso, parece ter criado um sentimento de confiança. Os participantes se sentiram no controle do tipo de informação poderiam dividir. Não estávamos lá para observar o seu ambiente, prestar atenção à sua linguagem corporal, tentar descobrir aquilo que estava nas entrelinhas do era dito. Tínhamos que nos basear inteiramente na expressão facial e na fala para construir uma conexão com os participantes.

Nas primeiras reuniões, decidimos direcionar para uma pesquisa semidiretiva. Sendo assim, nossas decisões se materializaram com os formulários confeccionados e enviados a nove docentes. Conforme estes nos eram devolvidos, fazíamos a sua tabulação. Seguimos para as fases posteriores.

Uma das professoras entrevistadas chamou muito nossa atenção. Decidimos, assim, realizar a entrevista individual com ela. E nossa escolha foi acertada: obtivemos, deste modo, uma riqueza imensurável de material. Dentre outras coisas, a professora demonstrou, a partir do relato do seu fazer pedagógico, que a união entre as vivências dos alunos e atividades, presentes na disciplina Sociologia, forma, nas palavras dela, uma “sociologia escolar pública”, de modo que, quando solicitados a fazerem pesquisa etnográfica, estes estudantes unem a realidade vivenciada por eles às práticas aplicadas à Sociologia (a qual tem a Antropologia inserida em seu currículo).

Esta entrevista, aliada aos resultados da interação através do grupo focal, foram seminais na constatação da hipótese que estes investigadores tinham, qual seja, a de que há um déficit da aplicação de conteúdos antropológicos, tanto no CM, como documento prescritivo, quanto nos

planos bimestrais efetivamente aplicados na interação com os estudantes. Contudo, para além desta confirmação, insistentemente repetida pelas nossas interlocutoras e pelo nosso interlocutor, outra vertente - esta, creio, mais otimista e apaziguadora - surgiu: a de que tais conteúdos antropológicos, ao contrário de sua desconfortável supressão formal no CM, granjeiam lugar cativo nos planos de aula. Tal cenário garante, ao menos no plano simbólico, o reconhecimento de uma importância capital, de vez que mesmo interlocutores (dois dos três, sem considerar os demais seis da fase anterior da pesquisa) que inclinaram sua formação acadêmica elementar para as disciplinas mais associadas ao campo da Sociologia e da Ciência Política afirmaram pesquisar e trabalhar temáticas antropológicas, visando submetê-las aos estudantes, imaginando incrementar sua formação escolar.

Nessa esteira, os destaques que efetuamos quanto ao grupo focal (treze pontos) e em relação à entrevista individual (seis pontos) podem, aqui, serem combinados, a fim de dar termo a este texto. Para tanto, escolhemos os que seguem:

- 1) a pacificação em torno de uma sub-representação da Antropologia no Currículo Mínimo equivale a dizer, por extensão, que o mesmo ocorre na formação docente (dos entrevistados). Ao contrário, segundo eles, há uma hiper-representação da Ciência Política. Isso gera, como resultado, uma menor atenção dada, pelos docentes, aos temas antropológicos;
- 2) quanto ao livro didático, há uma adequação relativizada deste ao nível a que se propõe (Ensino Médio). Os professores, deste modo, situam essa adequação em relação ao público (regular X jovens e adultos), mas pareceram entrar em contradição, em momentos diferentes das declarações, sobre essa propriedade;
- 3) foi detectada uma aparente confusão entre temas e ferramentas/metodologias, uma vez que estas, pela sua pluralidade e, por vezes, potencial complexidade, têm força de confundir os professores quanto à forma e/ou manejo;
- 4) a área que apresenta potencial para a articulação de outras áreas das Ciências Sociais, como a Ciência Política, é a da Antropologia Urbana. Isto porque, considerando a ambiência urbana na qual transitam os estudantes com os quais mantêm contato - tomando, como exemplo, a região em que trabalham, zonas norte e oeste do município do Rio de Janeiro ou região central do município de Niterói -, a aprendizagem desta modalidade da Antropologia é essencial para despertar a sensibilidade para os seus conhecimentos e métodos;

5) há uma “especificidade” da Antropologia em que o “micro” é o lócus, e, sendo assim, o trabalho de campo é o método por excelência. Isto é, a ideia de que a experiência pessoal, via etnografia, é fator importante para a desnaturalização e para o estranhamento da realidade social, concepções exponenciais deste campo do saber;

6) finalizando, existe uma necessidade de conteúdos antropológicos em níveis anteriores ao ensino médio, como o ensino fundamental. Deste modo, dar-se-ia a extensão do saber antropológico, em nível escolar, para momentos anteriores àquele que fazia a escolha universitária, promovendo uma potencial e refinada sensibilidade social.

Por fim, reconhecemos que os dados são preliminares, pois, por questão de força maior, a pesquisa foi realizada em apenas três meses. Desse modo, não tivemos tempo para confeccionar conclusões mais precisas e detalhadas. Com isso, compreendemos que a contribuição desta pesquisa é o pontapé inicial para auxiliar outras mais profundas, posto que classificamos a interseção entre currículo e formação de professores como ainda pouco explorada, quando se consideram elementos de Antropologia na Sociologia Escolar.

Referências bibliográficas

ARAUJO, Marcelo da Silva. “A Antropologia no ensino básico: a presença no currículo de Sociologia do ensino médio, reflexões e possibilidades”. ARAUJO, Angélica Lyra *et al.* *Múltiplos olhares sobre internacionalização em letras espanhol e ciências sociais*. Curitiba: Dialética e Realidade, 2020.

_____; ALENCAR, Breno Rodrigo de Oliveira e TARGINO, Gekbede Dantas. “Antropologia na sala de aula da Educação Básica: conteúdos, metodologias e recursos didáticos”. *Antropologia na educação básica*, Belém: EdIFPA, 2022 (no prelo).

BODART, Cristiano das Neves e SILVA, Roniel Sampaio. “O perfil do professor brasileiro de Sociologia do ensino médio e sua percepção da condição docente”. *Inter-Legere*, nº 18, 2016.

DIAS, Cláudia Augusto. “GRUPO FOCAL: técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas”. *Mimeo*, sem data.

DUMONT, Louis. *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*, RJ: Rocco, 1985.

FARIA, Louise Scoz Pasteur. “[Etnografia na pandemia: algumas experiências de trabalho de campo](https://www.ufrgs.br/ifch/index.php/br/)”. In: <https://www.ufrgs.br/ifch/index.php/br/>. Acesso em 07/02/2021.

FIORI, Ana Letícia. “Sem chegar perto e de dentro de casa: notas sobre antropologias, etnografias e seus fazeres em tempos de isolamento social”. *Áltera*, João Pessoa, v. 1, n. 10, jan./jun. 2020.

KIND, Luciana. “Notas para o trabalho com a técnica de grupos focais”. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 10, n. 15, jun. 2004.

MATTA, Roberto. *Relativizando: uma introdução à Antropologia Social*, RJ: Rocco, 2010.

MILLER, Daniel. “Como conduzir uma etnografia durante o isolamento social”. *Blog do Sociófilo*, 2020. [publicado em 23 de maio de 2020]. Disponível em: <https://blogdolabemus.com/2020/05/23/notas-sobre-a-pandemia-como-conduzir-uma-etnografia-durante-o-isolamento-social-por-daniel-miller>. Acessado em 03 de março de 2021.

VVAA. *Currículo Mínimo. Sociologia*. Área: Ciências Humanas e suas Tecnologias. Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro. 2012.

TYLOR, Edward Burnett. “A ciência da cultura”. CASTRO, Celso (org.). *Evolucionismo cultural*, 2ª ed., RJ: Editora Zahar, 2009.

Anexos

Anexo 1: Formulário enviado aos docentes – GoogleForm

COLÉGIO PEDRO II
Pró-Reitoria de Ensino
Coordenação de Graduação
Departamento de Sociologia / Licenciatura em Ciências Sociais

Pesquisa: *Antropologia no currículo de Sociologia do Ensino Médio: reflexões e possibilidades*

Objetivo: além de conhecer os respondentes pessoal e academicamente, a pesquisa busca traçar um panorama básico da aplicação dos conteúdos antropológicos trabalhados no programa da Sociologia do Ensino Médio. Tentará, com isso, identificar recorrências e inovações, bem como direcionamentos teóricos e conceituais da prática docente.

Propositores: Prof. Dr. Marcelo da Silva Araujo (<http://lattes.cnpq.br/8712475423391426>), supervisor, e graduando Guilherme Nascimento Prates (<http://lattes.cnpq.br/6419920405499482>), bolsista.

Dados pessoais

- 1) Qual é o seu nome e último sobrenome?
- 2) Qual a sua idade?
- 3) Qual a sua cor ou raça? branca preta amarela parda indígena
- Outras: _____

54

Dados acadêmicos

- 4) Cursou o Bacharelado? Sim Não Sigla da instituição? ____ Ano de conclusão: ____
- 5) Cursou a Licenciatura? Sim Não Sigla da instituição? ____
- Ano de conclusão: ____
- 6) Fez outro curso de graduação? Sim Não Qual? _____
- Sigla da instituição? ____ Ano de conclusão: ____
- 7) Além da(s) graduação(ões) cursadas, você realizou:
- curso(s) de Aperfeiçoamento: concluído em andamento Área: _____
 - curso(s) de Extensão: concluído em andamento Área: _____
 - especialização: concluído em andamento Área: _____
 - mestrado: concluído em andamento Área: _____
 - doutorado: concluído em andamento Área: _____

Dados profissionais e de regência

8) Desde que ano você trabalha na SEEDUC com turmas de Ensino Médio? 2010

9) Trabalha em mais de um(a) colégio/escola da SEEDUC? Sim Não

10) Trabalha em colégio/escola da rede privada com a disciplina Sociologia Sim Não

Em caso positivo, em qual(is) série(s)? _____

11) Qual é o do livro didático de que você se utiliza (na SEEDUC e/ou na rede privada)?

12) Conhece o *Currículo Mínimo* Sociologia da SEEDUC? Sim Não

13) Considerando as três séries do Ensino Médio Regular, em que bimestres de cada série você acha que incidem os conteúdos de Antropologia?

1ª série: _____

2ª série: _____

3ª série: _____

14) Ainda sobre os conteúdos antropológicos dos programas de cada série, poderia destacar 2 (dois) dos que você citou acima (de qualquer série) e detalhar sucintamente como você os trabalha em sala de aula? Exemplo: de quais autores, conceitos, teorias, metodologias, recursos etc. você se utiliza.

15) Considerando o programa da disciplina Sociologia aplicada ao Ensino Médio, você se identifica mais com os temas e debates da

Antropologia

Ciência Política

Sociologia

16) Após fazer sua opção, comente brevemente, por gentileza, as suas razões.

Muito obrigado pelas suas respostas!
Rio de Janeiro, de outubro de 2020.

Professor(a) Supervisor(a)

Estudante Bolsista

Coordenador(a)

Anexo 2: perguntas de pesquisa.

Grupo focal

1. Analisando o Currículo Mínimo, é possível afirmar que os conteúdos de Antropologia são menos representados?
2. No(s) colégio(s) em que você leciona, os professores se preocupam em adicionar assuntos relacionados à Antropologia quando elaboram os conteúdos programáticos de cada bimestre?
3. O livro *Sociologia em Movimento* atende aos conteúdos voltados para a Antropologia?
4. Que metodologia você compreende que estão relacionadas aos conteúdos de Antropologia no currículo de Sociologia no Ensino Médio?
5. Como os conhecimentos antropológicos podem mudar a perspectiva do aluno na vida cotidiana?

Entrevista individual

- 1) Nas perguntas 1 (*Analisando o Currículo Mínimo, é possível afirmar que os conteúdos referentes ao domínio da Antropologia são menos representados?*) e 2 (*Nos colégios em que você leciona, os professores se preocupam em adicionar assuntos relacionados à Antropologia quando elaboram os conteúdos programáticos de cada bimestre?*) do grupo focal, você mencionou, em suas respostas, o tema da política, presente no programa do Ensino Médio. Você classificou este tema como sendo do campo da Ciência Política e afirmou que não tem familiaridade com ele. Pergunta: você imagina trabalhar este tema de forma a associá-lo à Antropologia?
- 2) Descreva, por favor, como você aplica e orienta a realização do “trabalho de campo” (presente em sua resposta à pergunta 1 do grupo focal) aos estudantes.
- 3) No grupo focal, você fez duas afirmações sobre o curriculum básico para a disciplina Sociologia do Ensino Médio: “Tem que ter uma mudança vinda de cima, dos nossos curriculuns” e o “currículo da universidade precisa mudar” (neste caso, referindo-se à formação do docente do Ensino Médio). Poderia, pensando nos conteúdos antropológicos aplicados ao currículo de Sociologia para o Ensino Médio, explicar esta afirmação.
- 4) “Se procurarmos cursos de extensão de Antropologia, não acharemos. Existem, isso sim, os sobre questão afro, religião, samba...”. Aprofunde, por favor, essa afirmação sua, constante da resposta à pergunta 2 do grupo focal.
- 5) Na pergunta 3 do grupo focal (*O livro Sociologia em Movimento atende aos conteúdos voltados para a Antropologia?*), você afirmou “eu levo material para trabalho ‘por fora’”, ao se referir à utilização do livro didático. Poderia detalhar para que temas exatamente e de que metodologias você se utiliza nestes casos?